Usos da Linguagem em Fóruns de Ead¹

Benedito Gomes Bezerra
Universidade de Pernambuco

Resumo: A hipótese deste trabalho é que a pouca participação dos alunos em fóruns educacionais em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) deve-se parcialmente a exigências de uso formal da linguagem que inibem os estudantes e desvirtuam o funcionamento espontâneo do gênero fórum. Ilustrando a questão, selecionamos exemplos do fórum temático de um curso de Letras a Distância para, numa análise qualitativa, avaliar possíveis implicações das restrições de uso da linguagem sobre a participação e aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Educação a distância; interação; fóruns educacionais.

Abstract: In this paper, our hypothesis is that the lack of student participation in educational forums in virtual learning environments is partly due to demands for formal uses of language that inhibit students and distort the spontaneous operation of the genre. Illustrating the issue, we select examples from a thematic forum in a distance BA course in order to access via a qualitative analysis, possible implications of language use restrictions on the student's participation and learning.

Keywords: Distance education; interaction; educational forums.

Resumen: En este estudio, la hipótesis es que la falta de participación de los estudiantes en los foros educativos en entornos virtuales de aprendizaje se debe en parte a las demandas de usos formales del lenguaje que impiden a los estudiantes y distorsionan la operación espontánea del género foro. Ilustrando el tema, hemos seleccionado algunos ejemplos de un foro temático de un curso de Letras a distancia para, en un análisis cualitativo, evaluar las posibles consecuencias de las restricciones de uso de la lengua en la participación y la aprendizaje de los estudiantes.

Palabras clave: Educación a distancia; interacción; foros educacionales.

1. Recebido em 26/07/2011. Aprovado em 12/09/2011.

Considerações iniciais

Um aspecto diferencial do ensino a distância é a interação propiciada por ferramentas virtuais, cuja utilização se dá principalmente por meio da linguagem. Observe-se que a novidade deve ser constituída pelas ferramentas tecnológicas, e não pela interação em si, pois esta é pressuposta em qualquer processo de ensino-aprendizagem, seja ele presencial ou a distância. No caso específico do ensino a distância, espera-se que o bom funcionamento dos cursos seja garantido pelo uso ativo e bem-sucedido, por parte de alunos e tutores/professores, de recursos interacionais como fóruns, *chats* e *e-mails*, entre outros, para tirar dúvidas ou debater assuntos ligados às disciplinas.

Entre os recursos interacionais citados, o fórum claramente se destaca como a ferramenta mais utilizada como componente do processo de ensino a distância mediado pela Internet. Daí os inúmeros estudos que tomam o fórum e a interação como objetos de análise a partir de variadas perspectivas, conforme veremos. Apesar de tais estudos, uma questão ainda é muito frequente: por que, em diversos casos, os alunos não se sentem motivados a participar ativamente das discussões propostas e propiciadas pelos fóruns, particularmente em cursos de graduação?

A despeito das variadas tentativas de resposta à questão, praticamente nenhuma atenção tem sido dada ao registro ou à variedade linguística empregada na interação. Neste trabalho, levanto a hipótese de que a eventual falta (ou insuficiência) de participação dos alunos nos espaços de interação em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) deve-se, entre outros fatores, a exigências quanto ao uso da linguagem formal que acabam por inibir os estudantes, além de desvirtuar o modo habitual, não educacional, de funcionamento das ferramentas envolvidas.

Neste trabalho, portanto, procuro apontar indícios da existência de uma correlação entre a participação dos alunos e as exigências (em geral, institucionais, mas corroboradas pelo professor) sobre os “cuidados com a linguagem” em fóruns associados a cursos de EAD. Afinal, quando interagem em fóruns situados em AVAs, alunos, tutores e professores frequentemente

são constrangidos a usar um registro formal de linguagem, ao contrário do que fazem quando interagem em outros ambientes e redes sociais disponíveis na *Web*. Concretamente, minha hipótese é de que a participação dos alunos seja inversamente proporcional à exigência de uma linguagem formal. Por outro lado, me parece haver consenso em que a participação nos fóruns e, conseqüentemente, a interação alunos-professor e alunos-alunos, são diretamente proporcionais à aprendizagem adquirida.

Teoricamente, a discussão aqui proposta se assenta numa concepção do fórum eletrônico como gênero textual e como ferramenta tecnológica voltada para a interação, e desta como processo mediado pela linguagem, tomada como atividade sociointeracional e como lugar de constituição intersubjetiva dos interlocutores. A interação que se configura no fórum pode ser situada em um contínuo entre fala e escrita (Marcuschi 2001) marcado pelas peculiaridades do ambiente virtual.

Na tentativa de chegar aos meus objetivos, primeiramente discutirei o conceito de interação em EAD; em seguida, destacarei as principais abordagens à questão, apontando os aspectos geralmente levantados; em um terceiro momento, discutirei especificamente o estatuto teórico do fórum eletrônico; finalmente, levantarei as questões relativas à linguagem em uso nos fóruns de EAD. O estudo será ilustrado por exemplos apresentados por outros pesquisadores e por exemplos advindos de fóruns do curso de Letras a Distância da Universidade de Pernambuco.

O conceito de interação em EAD

Embora o conceito de interação seja extensivo e inerente a qualquer empreendimento educacional, e não apenas à EAD, nesta a interação assume uma relevância especial em virtude da noção inter-relacionada de distância. Concordando-se com Moore (1997), é possível inferir que o maior obstáculo do ensino a distância não é a separação geográfica e temporal entre o professor e os alunos e dos alunos entre si, mas a distância como espaço comunicativo e psicológico entre os interactantes, que o autor denomina

“distância transacional”. A distância transacional, por sua vez, também não é atributo exclusivo da EAD, mas existe “em qualquer programa educacional, inclusive no ensino face a face” (Moore 1997:22). Nesse sentido, a EAD não é algo totalmente diferente do ensino presencial, antes, deve ser entendida como “um subconjunto do universo da educação”. As estratégias interacionais adotadas em cursos ou programas de EAD têm como objetivo, em última instância, minimizar a distância física e superar a distância transacional entre os envolvidos.

Em trabalho anterior, Moore (1989) havia definido os “três tipos de interação” que, a seu ver, deveriam ser levados em conta pelos educadores a distância: a interação aluno-conteúdo, aluno-professor e aluno-aluno. Embora, mais tarde, Anderson (2003) tenha proposto, ao lado dos tipos de Moore, três categorias adicionais (interação professor-conteúdo, professor-professor e conteúdo-conteúdo), os dois conceitos mais pertinentes, para os propósitos deste trabalho, são os que dizem respeito à interação aluno-professor e à interação aluno-aluno.

A interação aluno-professor, de fundamental importância para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem-sucedido, é marcada, conforme Moore (1989), pela busca do professor em “estimular ou pelo menos conservar o interesse do aluno no que deve ser ensinado, motivar o aluno a aprender”. Moore (1989) conclui que a influência do professor sobre seus alunos é bem maior em cursos que preveem a interação entre as duas partes do que quando os alunos interagem apenas com o conteúdo. Excluída a presença física do professor ao lado dos alunos, na EAD, a interação se pressupõe mediada por recursos tecnológicos e interacionais como o fórum educacional.

A interação aluno-aluno, lembra Mattar Neto (2008), possibilita a chamada aprendizagem colaborativa, desenvolvendo a capacidade de trabalhar em grupo, bem como gerando a motivação e o interesse dos alunos pelos conteúdos discutidos. Para Moore (1989), a interação entre aluno-aluno é ainda mais importante no caso de estudantes jovens, que se sentirão mais motivados se interagirem entre si, e não somente com o professor. Segundo o autor, a necessidade de interação com os colegas seria menor para alunos

adultos, que tendem a ter motivação própria. Parece clara, portanto, a relevância da interação entre alunos de cursos de graduação, pelo menos parcialmente uma clientela jovem, no tocante a cursos em EAD.

Por oportuno, deve-se ainda distinguir entre interação e interatividade, dois termos usados com frequência e nem sempre com o devido rigor conceitual. Para Belloni (2003:58), interação designa “a ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade”, podendo essa ação se dar de modo direto ou mediado por recursos ou ferramentas tecnológicas, enquanto interatividade diz respeito à ação humana sobre a máquina, incluindo o potencial técnico que a máquina tem de “retroagir” a essa ação. De modo que, neste trabalho, referimo-nos ao conceito de interação, relação dialógica e comunicativa entre pessoas, e não à interatividade como relação entre indivíduos e máquinas ou *softwares*.

Abordagens sobre interação em EAD

Um rápido levantamento dos estudos sobre EAD é o bastante para fornecer dados significativos. Um deles é que a interação constitui um dos tópicos quase inevitáveis em EAD, de modo que o termo quase sempre é mencionado mesmo quando não enfocado centralmente. Um segundo aspecto é que o tratamento da interação em EAD geralmente se concentra na relação entre professores e alunos, não enfatizando a interação aluno-aluno. E, finalmente, no que diz respeito à base teórica, frequentemente as abordagens sobre interação se fundamentam ou fazem referência à teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), embora haja, é claro, abordagens teóricas alternativas.

Entre os trabalhos baseados na aplicação da teoria da polidez à interação em EAD, citamos Tostes (2010), que em estudo de caso destaca a atuação diferenciada de um determinado professor: “Verifiquei nas trocas de mensagens entre o professor e seus alunos nos fóruns de discussão a presença de um estilo próprio e peculiar de orientação dos alunos” (p. 1246). A partir de uma “microanálise etnográfica”, a autora analisa e enquadra as intervenções

do professor nas estratégias de polidez positiva proposta por Brown e Levinson (1987), concluindo que o uso dessas estratégias resultou em “grande aceitação por parte dos alunos, que avaliaram o professor/mediador como um profissional sensível, positivo, incentivador, que, em última instância, facilitou a participação e a aprendizagem” (Tostes 2010:1253).

Um segundo exemplo de abordagem baseada na teoria da polidez é representado por Barros e Crescitelli (2008), que analisam um fórum educacional virtual a partir das estratégias de preservação das faces negativa e positiva de falantes e ouvintes, concluindo pela grande relevância das estratégias de polidez na interação virtual, “já que as novas tecnologias são propícias para interações mais igualitárias” (Barros e Crescitelli 2008:89), ao contrário das interações presenciais, que seriam mais tipicamente assimétricas.

Frequentemente, essas abordagens combinam aspectos de uma teoria dialógica bakhtiniana a contribuições que podem ser rotuladas como sociolinguística interacional, análise da conversação ou pragmática, sem excluir noções tipicamente (socio)cognitivistas como o conceito de enquadre (*frame*). Assim, Souza (2009) apresenta uma “análise da interação em fóruns de EaD” que se alimenta de conceitos como dialogismo, enquadres, *footing*, face e, novamente, polidez. Em trabalho mais recente, Souza (2010) recorre à “ótica das teorias discursivas e pós-modernas”, sem especificar claramente a que teorias se refere, bem como o que caracterizaria, especialmente, uma teoria como “pós-moderna”, para apontar a insuficiência da análise da interação em EAD com base na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987). Um dos aspectos relevantes na revisão que a autora faz de sua própria análise anterior é a explicitação de que as noções de face e de polidez não devem ser tomadas como aspectos estáticos e essencialistas, mas como parte de um processo complexo de construção de identidades sociais na relação com o outro.

Entre os trabalhos que fazem forte apelo à teoria dialógica bakhtiniana, é possível citar Scavazza (2010), que se dedica a uma caracterização do fórum educacional como “gênero emergente”, e Dotta (2009), cujo foco é a

“aprendizagem dialógica” em serviços de tutoria pela Internet. Nesse último caso, o dialogismo aparece associado a teorias da aprendizagem associadas a autores como Vygotsky, entre outros.

Alternativamente ou em diálogo com esse leque de conceitos, alguns pesquisadores têm empregado, ainda, conceitos advindos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), como é o caso de Oliveira e Barbosa (2010), que discutiram a interação em fóruns de EAD com base na noção de *atitude* e da teoria da avaliatividade proposta por Martin e White (2005). Para as autoras, o conceito de atitude, à luz ainda da noção de função interpessoal da linguagem, permite examinar as formas de relacionamento do professor com seus alunos no ambiente de EAD, bem como chegar a conclusões sobre o sucesso ou insucesso desse relacionamento do ponto de vista interacional. Referências à teoria da avaliatividade podem ser encontradas ainda em Paiva e Rodrigues Jr. (2007), ao lado da categoria de *footing* (Goffman 1979) que os autores elegem para tratar do papel do moderador em fóruns educacionais.

O gênero fórum eletrônico em EAD

Diversos estudos se concentraram, nos últimos anos, em definir e caracterizar o fórum como “gênero emergente” no discurso eletrônico, especialmente a partir do estudo seminal de Marcuschi (2004), embora este não mencione explicitamente o fórum, limitando-se a descrever algumas de suas características sob o rótulo de “listas de discussão” ou “listas de grupos”.²

De acordo com Xavier e Santos (2005), o “fórum eletrônico” se caracterizaria pela *ubiquidade* e pela *universalidade*, quer dizer, seria acessível em qualquer lugar e por qualquer indivíduo, e isso em virtude dos recursos tecnológicos de que está dotado. Os autores têm em mente, em sua análise, os fóruns promovidos por grandes provedores de acesso à Internet, motivo pelo

2. Na única ocasião em que menciona, no texto, o termo “fóruns”, Marcuschi (2004) parece tomá-lo como equivalente de “listas de grupos”. Não estou certo de que essa equivalência se sustente em todos os casos. Uma diferença clara é que as listas pressupõem a distribuição das mensagens via e-mail, enquanto os fóruns se ambientam em páginas virtuais.

qual apontam essas características que não se aplicam aos fóruns educacionais vinculados a programas e cursos de educação a distância, uma vez que esses são acessíveis apenas a pessoas habilitadas quer como alunos quer como docentes, tutores ou gestores.

Torna-se necessário, portanto, perceber que o fórum educacional em contextos de EAD apresenta aspectos que o diferenciam do fórum eletrônico em geral. O fórum eletrônico não vinculado a propósitos educacionais se mostra um gênero bastante flexível. Xavier e Santos (2005) demonstram que, do ponto de vista comunicativo, o fórum pode servir como espaço para veiculação de piadas, ironias, propagandas, desabafos, críticas diversas, ataques pessoais, notas jornalísticas, ensaios acadêmicos e protestos, embora seus proponentes originalmente não previssem todos esses usos. O fórum educacional, no entanto, normalmente será mais monitorado quanto aos temas admitidos em função de seus fins. Para isso contará com a mediação do professor ou tutor, a quem cabe intervir nos momentos adequados para manter o foco no tema proposto.

Paiva e Rodrigues Jr. (2004), retomando Marcuschi (2004), partem de uma identificação direta do fórum com as listas de discussão ou *newsgroups* que, a meu ver, poderiam ser descritas como um gênero com características próprias e nem sempre identificáveis com as variedades existentes de fórum. Por exemplo, os fóruns ligados a comunidades do Orkut claramente se organizam de modo diferente das listas de discussão do ponto de vista interacional e discursivo.

Para os autores, o fórum online “prototípico” pode ser descrito como “um gênero virtual que reúne, em uma página na Internet, interações escritas de uma determinada comunidade discursiva em forma de *hiperlinks* ou de sequências de textos, com identificação dos tópicos, dos participantes, seus endereços eletrônicos (opcional) e datas das contribuições” (Paiva e Rodrigues Jr. 2004:176).

Conforme Paiva e Rodrigues Jr., o fórum educacional virtual, especificamente, se caracteriza pela interação assíncrona, organização em sequências ou turnos comunicativos, agrupamento de vários tópicos

discursivos simultâneos, “linguagem mais cuidada, erudita,” e “tendência um pouco rígida às possibilidades de mudanças de *footing* dos participantes da interação” (2007:150).

Um aspecto definidor da centralidade do fórum eletrônico para a interação em EAD é a constante analogia traçada entre este e a sala de aula convencional. Campos (2008:93), por exemplo, refere-se ao fórum educacional quando menciona a “interação em sala de aula – presencial ou virtual” como elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Para Souza (2010), o fórum educacional é “a sala de aula por excelência” e se constitui como a principal ferramenta em cursos a distância. Segundo a autora, o fórum é um “espaço a ser utilizado como sala de aula”, no qual as relações entre alunos e professor vão sendo construídas “como em qualquer sala de aula presencial” (Souza 2010:7).

De modo um tanto mais realista e fundamentado, Paiva e Rodrigues Jr. (2004) traçam um detalhado paralelo entre a interação em sala de aula presencial e nos fóruns educacionais para concluir, entre outras coisas, que o professor, ainda que exerça o papel de moderador, exerce menos poder no fórum do que na sala de aula tradicional. Vale a pena reproduzir o quadro completo proposto pelos autores.

Figura 1 – Interação presencial x interação virtual

Interação na sala de aula tradicional	Interação em fórum educacional
Participantes se encontram no mesmo espaço geográfico.	Participantes estão geograficamente dispersos.
Interação síncrona.	Interação assíncrona.
Acontece dentro de um tempo limitado medido por horas.	Acontece dentro de um espaço temporal maior (dias, semanas, meses).
Mediada pelo professor.	Mediada pelo computador.
O professor aloca os turnos.	Os participantes interagem livremente, apesar de o professor poder sugerir tópicos iniciais.

Organiza-se através de pares adjacentes.	Organiza-se em “threads” ou sequências.
A participação se dá de forma linear.	A participação não é linear, isto é, o participante se insere em qualquer ponto do <i>continuum</i> da interação.
Discute-se um tópico de cada vez e conversas paralelas perturbam os grupos conversacionais.	Vários tópicos podem ser desenvolvidos ao mesmo tempo com os mesmos participantes.
Raramente um interlocutor fica sem resposta.	Alguns interlocutores não conseguem atrair os participantes, o que não significa que não sejam lidos.
Limitações de memória fazem com que um interlocutor solicite ao outro a repetição de sua fala.	Não acontecem pedidos de repetição e sim negociações de sentido.
Um interlocutor nunca repete a mesma fala de forma idêntica. Quando muito, usa paráfrases.	Um erro pode levar à duplicação da mensagem.
Não há como voltar no tempo e recuperar uma fala <i>ipsis litteris</i> .	Toda a interação fica arquivada e pode ser lida ou continuada a qualquer tempo.
Há mais digressões e mudanças explícitas de <i>footing</i> .	Há menos digressão e mudanças explícitas de <i>footing</i> .
Linguagem menos elaborada.	Linguagem bem cuidada.

(Paiva e Rodrigues Jr. 2004)

Percebe-se que, diferentemente da interação tradicional em sala de aula, o fórum educacional claramente propicia relações interacionais menos assimétricas e mais colaborativas, entre diversos outros aspectos em que os dois ambientes não se equivalem diretamente. O último aspecto, relacionado com a linguagem, será particularmente retomado a seguir.

A questão da linguagem no fórum educacional

A importância central da linguagem para a interação em EAD e para a construção do conhecimento é amplamente admitida. Como se evidencia no quadro traçado por Paiva e Rodrigues Jr., a linguagem utilizada em fóruns educacionais se diferenciaria da linguagem usada em sala de aula presencial por ser, aquela, “bem cuidada”, enquanto esta seria “menos elaborada”. Ressalte-se que, neste caso, estamos diante de um paralelo entre interação oral e interação escrita, o que nos impõe um duplo cuidado. Por um lado, não devemos tratar essas modalidades de uso da linguagem de maneira dicotômica. Por outro lado, devemos reconhecer que a avaliação desses usos como “bem cuidados” ou “menos elaborados” deriva primordialmente de características predominantes em uma ou outra modalidade, dependentes ainda de aspectos situacionais³, e não de características intrínsecas ao gênero fórum educacional. Essas características necessariamente são, bakhtinianamente falando, “relativamente estáveis” e podem ser negociadas em distintas situações. Um olhar mais amplo sobre tudo que se faz no Brasil em termos de fórum educacional mostraria isso.

No entanto, parecem predominar, no que diz respeito à linguagem em fóruns educacionais, atitudes mais dogmáticas do que explicitamente fundamentadas. No caso de cursos de graduação em Letras a distância, é comum ouvir-se o argumento de que “estamos formando professores e eles devem ser exemplo no uso da língua”. Esse tipo de argumento é complicado porque no geral não se pode dizer que não seja pertinente, mas claramente embute certo preconceito tradicional sobre os variados usos sociais da linguagem. E é forçoso admitir que esse preconceito, por sua vez, é profundamente danoso para a formação de professores de língua. Nesse caso, o preconceito se dirige tanto contra os chamados “erros de português” como contra a “linguagem da Internet” ou “internetês”, nem sempre precisando rigorosamente a natureza de cada um bem como eventuais distinções conceituais.

3. Por exemplo, quem são os participantes, que tipo de curso estão fazendo, a qual faixa etária pertencem, quais são as exigências institucionais e qual é a atitude do professor diante da linguagem empregada?

Que a linguagem dos fóruns é “mais cuidada” é simplesmente afirmado em diversos trabalhos, sem que seus autores se sintam no dever de fundamentar a afirmação. Na literatura em geral, encontramos enunciados como: “a linguagem utilizada em um fórum educacional é um pouco mais cuidadosa por parte dos alunos, por se tratar de um ambiente acadêmico, ainda que virtual” (Gabrielli 2009:212). Por que isso seria assim, não se questiona, pelo menos teoricamente. Respondendo a indagação no âmbito da pesquisa realizada por Tostes (2010), o professor afirma que, no ambiente de EAD, as principais qualidades da linguagem são a clareza, a objetividade, a concisão e a *correção*.

Esse último aspecto parece referir-se, embora não fique explícito no trabalho, não só à correção formal, mas também à ausência de marcas típicas da interação virtual em situações comunicativas menos monitoradas. É esse aspecto que, a meu ver, pode conferir ao fórum educacional uma característica de artificialidade enquanto gênero virtual. Em outras palavras, os alunos e o professor podem estar sendo constrangidos, ao interagirem via fóruns, a utilizar uma linguagem pelo menos parcialmente estranha à constituição social do gênero em contextos não educacionais ou acadêmicos.

Considere-se, ao lado disso, que não falta quem chame a atenção para a necessidade de “estratégias que ajudem a diminuir o distanciamento entre os participantes” (Campos 2008:95), bem como para a dificuldade e necessidade de se tentar “traduzir para a linguagem escrita a entonação, os gestos, a sonoridade e a expressão facial da linguagem falada” (Tostes 2010:1243), uma vez que nos ambientes virtuais de aprendizagem o processo comunicativo “depende quase exclusivamente das trocas verbais, subtraídas das possibilidades de uso de linguagens não verbais” (Giordan e Dotta 2008:128).

Embora estigmatizados, entretanto, esses aspectos da linguagem não deixam de se manifestar nos fóruns educacionais, marcando aqueles que provavelmente deveriam ser reconhecidos como os momentos em que a interação de fato ocorre, afastando-se da mera postagem impessoal de informações que frequentemente ocorre nos fóruns. Conforme os próprios Giordan e Dotta (2008:140) verificam em sua análise, quando os alunos

utilizam signos como “valeu” (que não é linguagem formal, mas também não pode ser vista como “linguagem da Internet”), “neh” ou “rsrsrs!!!!!!” (esses, tipicamente advindos da *Web*), “esses recursos contribuem para imprimir, ou traduzir, a entonação expressiva que seria nítida na execução oral” e, o que é mais importante, “indiciam fortemente o aumento do engajamento do aluno”.

Ao levantar a questão do pouco estímulo e motivação dos alunos para a ativa participação em fóruns de discussão, Cunha (2006:7) afirma que “muitos alunos que visitam os fóruns em funcionamento nos cursos de que fazem parte não postam mensagens e alegam que agem assim por se sentirem inibidos, considerando que o texto postado estará acessível a professores e alunos”. E qual seria a razão dessa inibição? De acordo com pesquisa realizada pela autora, os alunos deixam de participar ativamente e assim construir colaborativamente o conhecimento “por considerarem que não têm o domínio da modalidade culta da língua”. A autora constata que esses alunos, por se sentirem linguisticamente inseguros, “deixam de registrar, principalmente no fórum, suas dúvidas e contribuições. Visitam as discussões do fórum, mas pouco participam com a postagem de mensagens” (Cunha 2006:7).

Numa situação assim, me parece que a aprendizagem é sacrificada em nome de uma pretensa e duvidosa correção da linguagem. Nesse sentido, a sala de aula presencial oferece uma possibilidade de interação verbal em que a linguagem é bem menos monitorada, uma vez que se dá principalmente na modalidade oral, em que os problemas ortográficos propriamente ditos ou a possibilidade de uso do internetês, por motivos óbvios, não estão em questão. Embora seja possível, é claro, apontar “erros” na fala dos alunos (e do professor), boa parte da produção linguística apontada como tal somente se torna visível na escrita. Por exemplo, consideremos o segmento abaixo, produzido por um aluno do curso de licenciatura em Letras a Distância da Universidade de Pernambuco (UPE):

Exemplo 1: Postagem de aluno

A linguagem não pode manter-se *subjugada* á realidade, mas deve ser aproveitada para explorar a realidade do sonho [itálicos meus].

Se o enunciado fosse proferido em sala de aula presencial, não se notaria nenhum problema, pois tudo indica que o *l* em “subjulgada” não seria pronunciado, além de que o acento agudo em vez de grave em “á” igualmente em nada afeta a compreensão do que o aluno está dizendo. Note-se que os erros, neste caso, até poderiam ser apontados, mas há de se admitir que em nada afetam a aprendizagem do conteúdo discutido. O ato de apontá-lo, esse sim, dependendo de como fosse feito, potencialmente afetaria futuras participações desse aluno no fórum. Interessante notar, nesse caso, como se dá o retorno do professor:

Exemplo 2: Retorno do professor

Oi X,

sua resposta, por ser muito sintética, deixa alguns pontos bem polêmicos sem explicação, por exemplo, por que a linguagem não pode ser “subjulgada à realidade”?

Observe-se que o professor se concentra, a meu ver corretamente, no assunto sob discussão, e não no “erro de português”. Ao destacar a expressão entre aspas, no entanto, é possível que o professor desejasse, além de ressaltar a questão discutida, pôr em relevo a escrita desviante do aluno, dando-lhe a oportunidade de refletir sobre o que e como escreveu, mas sem classificar a escrita do aluno como errada ou inadequada para o fórum. É possível notar ainda que o professor, talvez inconscientemente, corrige o acento, usando a forma apropriada para marcar a crase.

Segundo Cunha (2006:8), seria desejável, para deixar os alunos mais à vontade, o uso de uma linguagem informal pelo professor, “o que não pressupõe, necessariamente, o não uso da norma culta”, que já é bastante privilegiada, por exemplo, na elaboração do material didático. No caso analisado pela pesquisadora, observa-se “uma participação significativamente menor dos alunos em discussões com professores que têm dificuldades em seguir tal orientação”. Nos termos da teoria da polidez, também adotada por Cunha (2006), pode-se admitir que o uso estrito da linguagem formal como

veículo para a interação entre professores e alunos eventualmente constitui uma ameaça à face destes. Ao se verem ameaçados de se achar em erro, é bem possível que sua motivação para interagir nos fóruns diminua.

A criação literária e os sonhos: interação e linguagem em um fórum de EAD

Em conformidade com o que diz a literatura sobre a centralidade do fórum na educação a distância, no curso de Licenciatura em Letras da UPE, esse gênero constitui a forma mais frequente de interação entre alunos e professores e entre alunos e alunos. Analisando as postagens realizadas em um fórum temático da disciplina Teoria Literária, intitulado “A criação literária e os sonhos”, abrangendo um período de vinte e três dias, vejamos o que encontramos.

Exemplo 3: Postagem inicial do professor

Caros alunos,

Indico esses dois sites abaixo para complementar pesquisa:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Surrealismo>

<http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u30.jhtm>

e há um excelente texto da autoria de Gilberto Mendonça

Teles, um dos maiores críticos de literatura no Brasil, no

endereço: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewArticle/7237>

Ao abrir a página indicada, clique no ícone PDF que o texto se abrirá no seu navegador, se você tiver pdf, depois de abrir pode escolher “salvar uma cópia” para leitura posterior.

boa pesquisa,

abraços,

prof.

Como podemos observar, o professor faz uso de estratégias interacionais, evitando uma comunicação excessivamente formal, ao incluir uma saudação inicial (“Caros alunos”) e fórmulas de despedida afetuosas, expressas pelo desejo de “boa pesquisa” e pelos “abraços”. Diante das marcas de *atitude* (Martin e White 2005) do professor, é de se esperar que os alunos entrem no jogo da interação conforme proposto.

O que se nota, entretanto, é que apesar dos esforços do professor, os alunos se limitam, na quase totalidade das postagens, a reproduzir material pesquisado na *Web*, que é lançado no fórum sem que os estudantes em momento algum se dirijam ao professor. É como se não percebessem se tratar de uma proposta de interação e se dispusessem apenas a entregar o material pesquisado usando o fórum como veículo de transmissão de conteúdos. É o que ocorre no exemplo 4.

Exemplo 4: Postagem de aluno, sem estratégias interacionais

O surrealismo foi um movimento artístico que floresceu nas décadas de 1920 e 1930 na Europa e nos Estados Unidos. Herdeiro do dadaísmo, ele propôs uma transformação da vida cotidiana com seu desejo de revelar o que está por trás da aparente realidade. Os surrealistas exploraram intensamente os estudos de Freud sobre o inconsciente e os sonhos e buscaram intencionalmente o bizarro e o irracional para mostrar verdades que são inalcançáveis através do raciocínio lógico. O surrealismo nasceu na literatura com o movimento proposto pelo poeta André Breton, autor do “Manifesto Surrealista” no qual conclamou os artistas a um automatismo psíquico puro necessário para se alcançar os reais processos de pensamentos. Os artistas plásticos que aderiram ao surrealismo exploraram imagens de sonhos alucinatórios e a justaposição e a colagem em suas obras. Entre os expoentes do movimento surrealista estão os pintores Joan Miró, Max Ernest, Salvador Dalí e René Magrite.

Em poucos casos, diante da insistência do professor em que os alunos efetivamente discutam o tema, e não se limitem a reproduzir o material indicado para leitura na Internet, é possível encontrar postagens em que o material informacional, não elaborado pelo aluno, se faz preceder da interação deste com o professor.

Exemplo 5: Postagem de aluno, com marcas interacionais

Espero, agora, abordar a temática de forma correta, naquilo que li anteriormente e agora. Se não, não será problema pesquisar mais uma pouco, professor. Vamos as palavras: Freud entendia que o brincar infantil...

Agora, sim, podemos perceber que o aluno se dirige ao professor, considera-o como parceiro na interação, como um outro com quem pode se comunicar. O conteúdo informacional pelo qual espera ser avaliado (atribui-se uma nota pela participação do aluno no fórum) é antecedido de um enunciado que procura a preservação da face do aluno, quando este busca a aceitação do professor: “Espero, agora, abordar a temática de forma correta...”. Além disso, o aluno manifesta disposição para estudar até chegar ao ponto ideal pretendido pelo professor: “Se não, não será problema pesquisar mais uma pouco, professor”.

Em um fórum com tão baixo nível de interação pessoal, a linguagem se mantém convencional e formal, até por não refletir os usos próprios dos alunos, que claramente reproduzem o material proposto para leitura, mas não o reelaboram de modo a expressar sua compreensão nem formulam eventuais questões para discussão.

Os alunos não se comunicam com o professor, apesar de este se dirigir pelo nome a cada um comentando suas postagens. Se não se comunicam com o professor, os alunos também não se comunicam entre si. O fórum é mais monológico do que dialógico. Os alunos reagem à questão proposta pelo professor com postagens de conteúdos que não foram elaborados por eles, mas simplesmente colhidos em sites sugeridos para leitura.

Em um dos raros casos em que o aluno interage com o professor, o motivo é informar o mestre sobre as dificuldades técnicas encontradas no uso do AVA e justificar por que sua postagem está sendo remetida como anexo, em vez de ser exposta na página do grupo.

Exemplo 6: Aluno interage com o professor

Olá, professor!

Eu tive dificuldades em colocar as imagens que pretendia respondendo diretamente no AVA. Então, decidi mandar minha resposta em anexo.

Não se notam usos de internetês. Os exemplos de “erros” ou de linguagem não formal dizem respeito à ortografia ou à acentuação. A propósito disso, o professor posta o seguinte comentário para um dos alunos:

Exemplo 6: Comentário do professor sobre a ortografia

X,

sua resposta está com muitos problemas... psiquiálise? Freudiano como figura maior? valorização dos sonhoso? assim fica difícil considerar...

abraços,

prof.

É interessante observar que o professor mais ou menos veladamente se queixa, sem esquecer totalmente a polidez, da falta de cuidado do aluno ao grafar as palavras. Os problemas notados com a escrita, nesse contexto, independe do suporte virtual. No suporte convencional, impresso, problemas semelhantes se manifestariam prontamente.

Considerações finais

Apesar das pesquisas, estudos e discussões cada vez mais frequentes sobre o ensino a distância, muitas questões ainda permanecem em aberto e lacunas teóricas ainda precisam ser preenchidas. Apesar disso, algumas premissas vão se tornando comuns.

A primeira delas é de que a interação entre professores e alunos, e entre alunos e alunos, dentre as demais formas apontadas por Moore (1989) e Anderson (2003), é uma condição necessária para que programas e cursos de EAD sejam bem sucedidos. A segunda é de que a interação tão desejada nos contextos de EAD não se dá à parte de usos adequados da linguagem. E a terceira, a meu ver, diz respeito ao uso do fórum de discussão como gênero textual privilegiado para onde convergem as premissas anteriores. A interação é fomentada, na maioria dos cursos em EAD, principalmente através de fóruns. Nestes, portanto, a questão da linguagem se coloca de modo incontornável.

Entretanto, apesar de sua centralidade no processo, o papel da linguagem como mediadora da interação tem sido mais presumido do que descrito rigorosamente, com a clara exceção dos aspectos relacionados com a polidez e a face dos interlocutores, que têm sido discutidos exaustivamente. Falta discutir, por exemplo, as características linguísticas e discursivas que eventualmente comporiam algo como o “estilo” dos fóruns, para usar uma das categorias bakhtinianas que descrevem o gênero (Bakhtin 1997).

Na falta dessa discussão, me parece que por vezes se propõe, em EAD, o uso do fórum, um gênero textual socialmente reconhecido e amplamente utilizado à parte de preocupações educacionais, de uma forma um tanto artificial, particularmente no que diz respeito ao que se aceita ou não em termos de linguagem. Conforme anunciei anteriormente, minha hipótese, corroborando os resultados apresentados por Cunha (2006), é de que as limitações impostas sobre a linguagem, particularmente no tocante à “correção”, em geral abrangendo de erros ortográficos a notações gráficas típicas do “internetês” (variedade de escrita socialmente ambientada e veiculada na *Web*), resultam tanto em desinteresse como em inibição por

parte dos alunos, impedindo-os de participar ativamente das discussões propostas pelos professores nos fóruns de EAD.

Essa hipótese deveria ainda ser testada em pesquisas futuras. Por enquanto, temos boas indicações no sentido de sua pertinência. Examinando algumas pesquisas citadas neste trabalho, percebemos que o internetês por vezes aparece mesmo sem ser convidado e, quando isso acontece, acaba propiciando os melhores momentos da interação, como mostram Giordan e Dotta (2008), entre outros.

Quanto ao fórum educacional analisado neste trabalho, verifica-se a necessidade de ações urgentes no sentido de torná-lo uma ferramenta realmente propiciadora da interação entre professor-alunos e alunos-alunos. Os alunos parecem ignorar completamente a presença dos colegas na discussão, jamais se dirigindo a eles ou comentando qualquer uma de suas intervenções. Não há aprendizagem colaborativa. De fato, os alunos parecem ignorar inclusive o professor, a não ser quando se sentem constrangidos a responder a um de seus questionamentos sobre o material postado no fórum. E o professor, por sua vez, não consegue conduzir o fórum a uma discussão real entre os alunos e destes com ele, até porque, com exceção da orientação inicial para o debate, as demais intervenções do docente se dirigem aos alunos tomados individualmente, e não como “sala de aula virtual”.

No tocante à linguagem, nota-se a total ausência de notações gráficas típicas de ambientes como as redes sociais da Internet, por exemplo. Eventuais desvios da ortografia oficial, falta de acentuação e outros aspectos formais não mostram relação necessária com o uso da linguagem em suporte virtual. O professor reage a esses desvios apenas quando prejudicam a compreensão do tópico postado pelos alunos.

Nessas condições, tem-se a impressão de que os alunos estão diante de uma situação de interação totalmente nova para eles, da qual não conseguem dar conta. Entretanto, é pouco provável que não tenham experiência anterior e simultânea com outras formas de fórum, como os fóruns ligados a redes sociais, por exemplo, em que possivelmente apresentam um desempenho bastante diferente e bem mais satisfatório. Diminuir a distância,

especialmente no tocante à linguagem e a aspectos discursivos, entre fóruns educacionais e fóruns não educacionais, do cotidiano dos alunos, pode ser o caminho para dinamizar a interação e, conseqüentemente, a aprendizagem em cursos de EAD.

Referências bibliográficas

ANDERSON, T. 2003. Modes of interaction in distance education: recent developments and research questions. In: Michael G. Moore; William G. Anderson (Ed.). *Handbook of distance education*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 129-144.

BAKHTIN, M. M. 1997. Os gêneros do discurso. In: Mikhail M. Bakhtin. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, pp. 279-326.

BARROS, K. S. M. de; CRESCITELLI, M. F. C. 2008. Prática docente virtual e polidez na interação. In: Sueli Cristina Marquesi; Vanda Maria da Silva Elias; Ana Lúcia Tinoco Cabral (Orgs.). *Interações virtuais: perspectivas para o ensino de língua portuguesa a distância*. São Carlos: Claraluz, pp. 73-89.

BELLONI, M. L. 2003. *Educação a distância*. 3. ed. Campinas: Autores Associados.

BROWN, P.; LEVINSON, S. 1987. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

CAMPOS, K. R. 2008. Estratégias de interação em ambiente virtual de aprendizagem. In: Sueli Cristina Marquesi; Vanda Maria da Silva Elias; Ana Lúcia Tinoco Cabral (Orgs.). *Interações virtuais: perspectivas para o ensino de língua portuguesa a distância*. São Carlos: Claraluz, pp. 93-104.

CUNHA, A. L. 2006. A interação na educação a distância: cuidados com o uso da linguagem em cursos online. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc011.pdf>> Acesso em: 14 set. 2010.

DOTTA, S. 2009. *Aprendizagem dialógica em serviços de tutoria pela Internet: estudo de caso de uma tutora em formação em uma disciplina a distância*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.

GABRIELLI, K. S. 2009. O papel da mediação pedagógica em fóruns educacionais de cursos on-line de língua estrangeira. In: Ucy Soto; Mônica F. Mayrink; Isadora V. Gregolin (Orgs.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 209-224.

GIORDAN, M.; DOTTA, S. 2008. Estudo das interações mediadas por um serviço de tutoria pela Internet. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, 11(1):127-143.

GOFFMAN, E. “Footing”. 2002. In: B. T. Ribeiro; P. M. Garcez (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola.

MARCUSCHI, L. A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, L. A. 2004. Gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital. In: L. A. Marcuschi; Antônio Carlos Xavier (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 13-67.

MARTIN, J.R.; WHITE, P. 2005. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan.

MATTAR NETO, J. A. 2008. O uso do second life como ambiente virtual de aprendizagem. *Anais da 31. Reunião Anual da ANPEd – Caxambu*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4711--Res.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2010.

MOORE, M. M. 1997. Theory of transactional distance. In: KEEGAN, D. (Ed.). *Theoretical principles of distance education*. New York: Routledge, pp. 22-38.

MOORE, M. M. 1989. Three types of interaction. *The American Journal of Distance Education*, 3(2).

OLIVEIRA, A. S. Z.; BARBOSA, M. R. S. A. 2010. A atitude no fórum temático: escolhas que aproximam ou distanciam os atores no discurso. *Hipertextus Revista Digital*, 5:1-9.

PAIVA, V. L. M.; RODRIGUES JR., A. S. 2004. Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In: I. L. Machado; R. Melo (Orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, pp. 171-189.

PAIVA, V. L. M.; RODRIGUES JR., A. S. 2007. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: J. C. Araújo (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 144-164.

SCAVAZZA, C. 2010. *Gêneros discursivos emergentes: o fórum na educação a distância*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Universidade de Taubaté,

TOSTES, S. C. 2010. O bom professor no ambiente virtual. *Cadernos do CNLF*, 14(2):1242-1254.

SOUZA, E. V. 2009. “Desabafo”: análise da interação em fóruns de EaD. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SOUZA, E. V. 2010. As possibilidades de análise dos fóruns de EAD sob a ótica das teorias discursivas e pós-modernas. *Pesquisa em Discurso Pedagógico*, 1:1-16. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.pucio.br/rev_discurso.php?strSecao=input0> Acesso em 30 nov. 2010.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. 2005. E-forum na Internet: um gênero digital. In: J. C. Araújo; Bernardete Biasi-Rodrigues (Org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 30-38.